

# **A CIDADE E O RIO: UM PERCURSO DIALÓGICO ENTRE “O CÃO SEM PLUMAS”, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO E “A COMARCA DAS PEDRAS”, DE HILDEBERTO BARBOSA FILHO**

DAMARES DO NASCIMENTO FERNANDES

(UEPB)

## **1 INTRODUÇÃO**

Há um diálogo estabelecido entre a linguagem poética e o universo. Tal característica corresponde, na perspectiva Bakhtiniana, ao aspecto constitutivo da linguagem: o dialogismo. O texto – lírico ou narrativo – é tecido polifonicamente por fios dialógicos de vozes que interagem entre si, e que são oriundas das mais diferentes vias, seja do universo, da vida em si, seja de outros textos ou discursos que comporta. O sentido que podemos encontrar num texto literário, pode ser vivenciado a partir da percepção de outras vozes no texto, outros discursos que complementam o discurso de tal texto. O dialogismo aparece como condição do sentido do discurso, tendo este, sempre o outro em vista.

No processo interdiscursivo, leva-se em conta a incorporação que o texto faz de outros textos: através da alusão ou citação de temas e/ou figuras, percursos temáticos e/ou figurativos de um discurso em outro, leva-se em conta também, a possibilidade de um discurso cercar-se de outros discursos, sendo que “toda palavra é cercada de outras palavras” (FIORIN, 2006.p. 167) e “os discursos se entrecruzam em todos os sentidos, multiplicam-se indefinidamente em várias dimensões” (MAINGUENEAU,1995. p. 26).

O percurso interdiscursivo, proposto neste estudo, enfocará as imagens da cidade, no poema **A comarca das pedras**, de Hildeberto Barbosa Filho, e do rio, no poema **O Cão sem plumas**, de João Cabral de Melo Neto, como símbolos do drama humano da existência ante a finitude. Ambos os textos são longos poemas, tendo o Cão sem plumas, quatro partes, constituídas por quantidades de estrofes e versos variáveis; e A comarca das Pedras, quatorze partes, com quantidade de estrofes e versos também variáveis.

Em *O cão sem plumas*, as partes são divididas em: Paisagem do Capibaribe (I e II), Fábula do Capibaribe e Discurso do Capibaribe. Em todas elas, o autor revela o rio através das imagens poéticas que formam a sua paisagem e suas características: **A cidade é passada pelo rio/ como uma rua/ é passada por um cachorro;/ uma fruta/ por uma espada.//[...]/ Aquele rio/ era como um cão sem plumas.** Vemos a formação de uma imagem através das palavras. O rio começa a delinear-se como um cão.

Na Comarca das Pedras, observamos a tentativa do autor de formar a imagem da cidade a partir dos elementos que a constituem, alçando uma percepção sempre mais além dos elementos físicos e estruturais que a compõe. Eis duas das imagens com as quais o autor compara a cidade: Cruz e Navio: **Tua cidade/ É como uma cruz partida/ Uma cruz pesada/ Uma cruz doída// Navio encalhado/ Na pedra estéril do teu sonho.** Nessas imagens delinea-se a saga dolorosa do homem que traz consigo as lembranças da cidade amada, do berço da existência. Revelando a via crucis da memória. E a imagem de um navio na pedra, a cidade é como um navio na memória: eternizado, parado, encalhado, ao invés de correr o curso nas águas do tempo.

Além das características estruturais que entram em diálogo, há possibilidades intertextuais nos poemas, em “O cão sem plumas”:

O rio carrega sua **fecundidade pobre**,  
grávido de terra negra.  
[...]  
Como às vezes  
passa com os cães,  
parecia o rio estagnar-se.  
Suas águas fluíam então  
mais densas e mornas;  
fluíam com as ondas  
densas e mornas  
de uma **cobra**.

Em “A comarca das pedras”,

Tua cidade  
Se alonga como uma **cobra** magra.  
É **infecunda** e é faminta

A criação das imagens poéticas da cidade e do rio é possível, em ambos os poemas, através das figuras de linguagem presentes, que agem com a tentativa de

mostrar/dizer o não dito. Tanto em João Cabral quanto em Hildeberto, a cidade e o rio são algo mais do que o sentido literal pode sugerir. Assim, as metáforas surgem como reagentes que trazem à luz o obscuro enigma: O que é uma cidade, O que representa um rio para os autores e nos poemas em questão?

## **2 A finitude humana como presença dialógica nos poemas**

Há nas imagens poéticas da cidade e do rio a presença patente de vozes que interagem e percorrem em direção ao campo ideológico da angústia ante a finitude. Tanto o cão sem plumas, de João Cabral, que evoca o rio Capibaribe da infância, quanto A Comarca das pedras, de Hildeberto, que evoca a cidade da infância, abordam o drama da miséria nordestina, que para além de uma perspectiva sociológica, corresponde ao drama humano da existência em suas contingências e em face da consciência de finitude.

Um extraindo a imagem trágica da miséria do sertão pernambucano,

Entre a paisagem  
o rio fluía  
[...]

Entre a paisagem  
(fluía)  
de homens plantados na lama;  
de casas de lama  
plantadas em ilhas  
coaguladas na lama;  
paisagem de anfíbios  
de lama e lama.

Como o rio  
aqueles homens  
são como cães sem plumas  
[...]  
**(O cão sem plumas)**

Outro, em meio a belíssimas imagens, a secura da cidade do cariri paraibano,

O céu, limpo e vazio,  
É um oceano suspenso  
Sobre as pedras.

As pedras, ermas e eternas,

São as nuas muralhas  
Da terra.

A terra, avara e parca,  
É dos homens o rude relicário.

[...]

(A comarca das pedras)

Procuraremos delimitar o ponto crucial dessas imagens no viés simbólico que revelam uma correspondência do drama nordestino com o próprio sentimento da existência humana. O lamaçal e a secura provêm do próprio ser. Os poetas falam de si mesmo e da condição humana ante a finitude. É a realidade psicológica que se vê além da realidade social. Sobre João Cabral, nos afirma Lauro Scorel:

A realidade nordestina, que o poeta passa a evocar, ao iniciar o seu roteiro retrospectivo, é menos a sua realidade biográfica do que a sua realidade psicológica. Nascido na fértil zona da mata, descendente de família tradicional de senhores de engenho, não é propriamente à casa paterna que, como filho pródigo, ele regressa para participar do banquete e reintegrar-se no ambiente familiar. É ao sertão de onde vem o rio, é à caatinga da seca, da miséria e da morte, é ao deserto calcinado, povoado de ossos e de pedras, que o poeta retorna a evocar a paisagem pernambucana...

(SCOREL, 2001, p. 53)

João Cabral evoca o que não viveu, mas, o percurso do rio fluido e sinuoso, testemunha do drama nordestino, em direção ao mar, corresponde ao próprio percurso interno da existência humana, que flui, irremediavelmente, em direção à morte: **No extremo do rio/o mar se estendia,/como camisa ou lençol,/sobre seus esqueletos/de areia lavada.** Bachelard associa a imagem da água à ideia de morte, constituída pela noção do tempo fluído do qual somos feitos, conforme o pensamento Heraclítico,

Vamos seguir em seus detalhes a vida de uma água imaginada, a vida de uma substância assaz personalizada por uma poderosa imaginação material; vamos ver que ela reúne os esquemas da vida atraída pela morte, da vida que quer morrer. Mais exatamente, vamos ver que a água fornece o símbolo de uma vida especial atraída por uma morte especial.

(BACHELARD, 1997, p. 51)

Assim como o rio é atraído pelo mar, a vida é atraída para a morte. As águas do rio cabralino, lamacenta, lodosa, espessa, não se apresenta como reflexo que duplica o universo, mas, como absorvente das sombras, que oferecem “um túmulo cotidiano a

tudo o que, diariamente, morre em nós. A água é assim um convite à morte;” (BACHELARD, 1997, p. 59). O rio é a sombra do próprio homem, símbolo do tempo e da substância da qual somos feitos, nas palavras do argentino Jorge Luís Borges: **“O rio me arrebatava e sou esse rio./ De matéria perecível fui feito, de misterioso tempo./ Talvez o manancial esteja em mim./ Talvez de minha sombra,/ fatais e ilusórios, surjam os dias.”** (BORGES, 1998, p. 10). O rio comparado a um cachorro e o mar a uma bandeira, criam metáforas propícias para desencadear as questões existenciais: **(Como o rio era um cachorro,/o mar podia ser uma bandeira/azul e branca/desdobrada/no extremo do curso/ - ou do mastro - do rio.** A imagem criada a partir da semelhança existente entre o cão (sem “plumas”, sem poder): “vadio, abandonado e solitário” (ESCOREL, 2001), e o rio: de lodo e ferrugem, reduz o choque gerado pelas duas ideias incompatíveis (RICOEUR, 2009) e nos delinea a imagem do rio como um cão sem plumas, vadio, que segue seu caminho, e não tem poder de reverter a sua peregrinação e sua fluidez.

A peregrinação de todo homem em direção à morte participa dessa carga simbólica da peregrinação do rio, desde sua nascente, até o mar. Mar, esse, de angústias, que simboliza a própria morte:

[...]  
o mar e seu estômago  
que come e se come,  
[...]  
O rio teme aquele mar  
como um cachorro  
teme uma porta entretanto aberta,  
[...]  
Depois,  
o mar invade o rio.  
Quer o mar  
destruir no rio  
suas flores de terra inchada,  
[...]

Segundo Escorel, os poemas simbólicos sobre o rio em João Cabral, sugerem um estado de angústia do sujeito diante do tempo, que a água simboliza. Essas metáforas líquidas, que constituem todo o poema, são as imagens que revelam um aspecto simbólico da existência humana, imagens que “transitam céleres na correnteza do tempo” (ESCOREL, 2001, p. 83).

A poética do rio, em João Cabral, revela a angústia do sujeito lírico de saber-se mortal e perecível. Suscitar a imagem do rio é, de certa forma, não fugir do “mar” irremediável, é vê-la como a possibilidade da impossibilidade. O rio que flui (a persona) reconhece a morte em si. Para Heidegger, o não fugir da morte é um exercício diante da extrema possibilidade de si mesmo. A consciência dessa radical possibilidade antecipa-a, constitui o sujeito que a assume. E ao assumir essa possibilidade angustia-se,

“A angústia, porém, é que permite que se mantenha aberta a ameaça absoluta e contínua de si mesmo, que emerge do ser mais próprio e singular da presença. Na angústia, a presença se dispõe frente ao nada da possível impossibilidade de sua existência [...] o ser-para-a-morte é, essencialmente, angústia.”

(HEIDDEGER, 2005, p. 50).

A angústia revela-se no temor que o rio assume ante sua mais provável possibilidade. Mesmo temendo aquele mar como um **cachorro teme uma porta entretanto aberta**, reconhece irremediavelmente sua radical possibilidade de unir-se ao mar e completar seu curso. A mesma angústia revela-se no homem que se conscientiza dessa extrema possibilidade de si mesmo. Como afirma Heidegger, “com a morte, a presença completou seu curso” (HEIDEGGER, 2005, p. 25).

Em “A comarca” o caráter biográfico é mais presente que no “O cão sem plumas”, visto que Hildeberto fala de sua própria cidade da infância, Aroeiras: **Todo homem tem/ uma cidade e eu tenho a minha/ (longe fica Aroeiras/ E suas águas azuis mais longe**. Hildeberto traz à memória a cidade da infância, representada pelas pedras. Essa cidade constitui a própria existência humana, a cidade é o berço, o início da via por onde caminha o viajante. Nesse sentido, a temática da viagem está presente no poema – assim como no “O cão sem plumas” – para representar, agora não mais a fluidez do rio, mas a distância espaço/temporal que o conduz à morte, quanto mais longe da cidade mais perto da morte.

Em oposição às metáforas líquidas, central em “O cão sem plumas”, Hildeberto revela metáforas secas, de pedra, que remetem à terra **nua e de sol crestada**:

Aquela cidade  
Com alma de pedra,  
É a mó da saudade,  
Lembrança que medra

Na tua memória,  
Mutilada fonte  
Da muda história,  
Perdido horizonte.

A alma de pedra personifica a cidade num âmbito espiritual. A imagem revela a experiência da secura, a aridez da terra, calcinada terra. Essa imagem pétrea da cidade no poema demonstra um estado de angústia ante a fluidez do tempo – fluidez essa, diga-se de passagem, que as águas do rio Cabralino revelam – e a intenção de imobilizar e eternizar os momentos. No entanto, apesar dessa imagem da cidade como pedra “parada” e “inteira”, e a capacidade de imobilizar os momentos através da palavra mineral – só possível na “memória de pedra”- a angústia aparece devido à distância espaço/temporal desse início. O canto da cidade que tem alma de pedra reflete a imagem da angústia: a cidade é angustiada e essa angústia mistura-se no homem que, de igual modo, angustia-se pela saudade. A **cidade** é a **saudade**, a saudade é a lembrança que medra - medrar no sentido de crescer, mas, e mais próximo da concepção de angústia, na sonorização similar a medo- medra/medo que cresce na mutilada fonte da memória. A cidade da infância é o início da existência, representa a vida, a imagem pétrea reflete a tentativa de eternizar não só o passado, mas a própria vida humana. Quando essa “cidade-de-pedra” acompanha o sujeito por onde ele vai: **Uma cidade/ me acompanha vida afora**, paradoxalmente se dilui, revelando a impermanência existencial do homem, **Uma cidade/Se espalha em minhas veias/Como sangra a água de um açude,/ Como se entrega o morto ao ataúde,/ Como a lágrima que a todos se destina**. Não há como fugir da fluidez do tempo, e isso é angustiante. A presença do líquido-sangue revela ainda mais essa angústia, nas palavras de Bachelard:

Tudo o que, na natureza, corre pesadamente, dolorosamente, misteriosamente seja como um sangue maldito, como um sangue que transporta a morte. Quando um líquido se valoriza, aparenta-se a um líquido orgânico. Há, portanto, uma poética do sangue. É uma poética do drama e da dor, pois o sangue nunca é feliz.

(BACHELARD, 1997, p. 63)

O rio de João Cabral, representante dessa viagem líquida interior irremediável, reflete-se na Comarca de Hildeberto, mesmo quando se tenta imobilizar petreamente essa fluidez. Ouvimos nesse diálogo, os ecos da fala de Jó, na bíblia, quando diz: **“As águas gastam as pedras, as cheias afogam o pó da terra; e tu fazes perecer a**

**esperança do homem”** (JÓ, 14:19). A água, que representa o tempo, é mais certa, mais forte do que as pedras, que mesmo sendo símbolo de fortaleza e durabilidade, e na poética de Hildeberto, de eternidade propiciada pela memória, não é capaz de reverter a fluidez do tempo.

A memória em Hildeberto é peculiar, pois, engendra duas possibilidades: a de permanência, opondo-se á fluidez do rio cabralino, quando mantém o passado parado, inteiro como uma pedra. E a de impermanência, atrelando-se ao caráter fluido do rio, quando traz consigo, entranhado fisicamente, o seu espaço de intimidade, como “hábito orgânico” (BACHELARD, 1978, p. 207), e reconhece-se, por conta da impossibilidade real de retorno ao passado, mortal: 1) A permanência, na imagem clara do céu e das pedras - **O céu, limpo e vazio,/ É um oceano suspenso / sobre as pedras/ As pedras, ermas e eternas,/ São as nuas muralhas/ Da terra;** 2) A sensação de impermanência, no tom de angústia que revelam o caráter noturno, referente à finitude: **E não consigo/ Dançar com as serpes dos ventos/ Que carrego comigo/ E não consigo/ esquecer o espanto das porteiras/ que anoitecem comigo.** A beleza poética demonstra a angústia ante a finitude, sustentada pela memória. O ritmo e o som dos três últimos versos nos faz criar a imagem da porteira do tempo se fechando, espantada, angustiada, ante o anoitecer da vida.

### **AINDA NÃO É O FIM...**

As tessituras dialógicas sobre a temática filosófica da finitude não encerram nesse estudo incipiente. Os poemas em questão possuem infinitas possibilidades de se trabalhar a mesma temática e outras também. Inclusive, a própria imagem do rio bem como das pedras revelam-se em outros poemas de João Cabral.

Em poucas palavras, o percurso dialógico nos dois poemas analisados trazem à luz os seguintes posicionamentos:

Nas imagens do rio de João Cabral,

- 1) Temática sociológico-psicológica na evocação do rio revelando a pobreza nos manguezais recifenses relacionada à própria condição da existência humana.
- 2) A presença da finitude: os arredores do rio do recife pernambucano; o rio que deságua no mar simbolizando a própria vida que segue em direção à morte.



- 3) Angústia do rio triste pela sua impermanência e pela condição de vida lodosa, lamacenta.

Nas imagens da cidade de Hildeberto:

- 1) Temática sociológico/psicológica na memória da cidade seca, cidade de pedra: a seca no cariri paraibano que corresponde à *secura* da alma.
- 2) A presença da finitude: A cidade da infância na memória, que permanece, pois o sujeito carrega a cidade por onde vai. E o fluir do tempo, pois a cidade, o início ficou para traz.
- 3) A cidade-angústia: as pedras da memória doída e reinventada, que conferem a *sequidão* da própria alma.

A imagem da pedra como símbolo da permanência existencial e da água como transitoriedade líquida permeiam dialogicamente os poemas analisados. O seco/pétreo em diálogo com o líquido/fluido, a cidade em diálogo com o rio e ambos como símbolos da angústia ante a finitude humana.

## **REFERÊNCIAS**

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço** in\_\_\_\_ Coleção: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. **A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria.** Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Tradução: João Ferreira de Almeida. 2ª. Ed. Revista e corrigida. São Paulo: Geográfica Editora, 2004.

SCOREL, LAURO. **A Pedra e o rio** – Uma interpretação da poesia de João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de letras, 2001.

FILHO, Hildeberto Barbosa. **Nem morrer é remédio: Poesia reunida.** João Pessoa: ideia, 2012.

FIORIN, José Luís. **Intertextualidade e interdiscursividade** in\_\_\_\_ Bakhtin: outros conceitos-chave. Braith, Beth (org.) São Paulo: Contexto, 2006.

HEIDEGGER, Martin. Presença e temporalidade in\_\_\_\_ **Ser e tempo.** Rio de Janeiro: editora vozes, 2005, p. 9 – 50.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** Campinas, SP: Pontes/ Ed. da Unesp, 1997.

MELO NETO, João Cabral de. O cão sem plumas (1953). In: \_\_\_\_\_. **Morte e vida Severina**: e outros poemas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NUNES, Benedito. **Heidegger & Ser e tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**: O discurso e o excesso de significação. Lisboa: edições 70, 2009.